Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

NOBRES TRADIÇÕES QUE FORMAM A GLÓRIA DA NACIONALIDADE

Arthur de Vasconcellos entre a ciência, o charlatanismo e o catolicismo no Brasil

NOBLE TRADITIONS THAT FORM THE GLORY OF NATIONALITY

Arthur de Vasconcellos between science, charlatanism and Catholicism in Brazil

MAGNO FRANCISCO DE JESUS SANTOS[1]

RESUMO

Este artigo tem como escopo discutir o pensamento do intelectual católico Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria a partir de sua atuação na imprensa paulista no descerrar da década 1920. O médico português que foi exilado no Brasil após a implementação da Primeira República lusitana e era conhecido pela divulgação da alimentação vegetariana, tornou-se um árduo defensor do catolicismo no Brasil, incluindo a aproximação entre a política e os princípios doutrinários da Igreja Católica. Essa proposição se tornou mais evidente nos textos publicados pelo autor na coluna "Vida Catholica" no impresso paulista "Diário Nacional" a partir de 1927. Pautado em tais escritos, busco perquirir o processo de construção de uma cultura política católica e o projeto de nação atinentes ao Brasil que foram tecidos pelo intelectual Arthur de Vasconcellos.

Palavras-chave: intelectual católico, Arthur de Vasconcelos, ciências, imprensa.

ABSTRACT

This article aims to discuss the thoughts of the Catholic intellectual Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria based on his work in the São Paulo press at the beginning of the 1920s. The Portuguese doctor, who was exiled to Brazil after the implementation of the First Portuguese Republic and was known through the spread of vegetarian food, he became an ardent defender of Catholicism in Brazil, including the rapprochement between politics and the doctrinal principles of the Catholic Church. This proposition became more evident in the texts published by the author in the column "Vida Catholica" in the São Paulo

[1] Professor do departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte E-mail do autor: magno.santos@ufrn.br

newspaper “Diário Nacional” from 1927 onwards. Based on such writings, I seek to investigate the process of building a Catholic political culture and the nation project relating to Brazil that were woven by the intellectual Arthur de Vasconcellos.

Keywords: Catholic intellectual, Arthur Vasconcelos, science, press.

INTRODUÇÃO

> O programma desta seção devotada à defesa dos princípios em que está estabelecida e assente a Igreja Catholica, é de larga e vasta orientação social também, em concordância com as vistas de Leão XIII expostas em sua carta encyclica à imprensa, cujo objetivo traça um profundo espírito democrático. O Brasil não pode esquecer as bases nacionalistas com as quaes entrou para o convento das nações civilizadas e por isso à sua imprensa, àquelle que assume a si à direcção intellectual do povo e que quer, nesse seu esforço, manter íntegro o pensamento de respeito às *nobres tradições que formam a glória da nacionalidade*, cumpre-lhe o dever de assistir de alma e coração aos sentimentos que nobilizam o seu povo, dependente espiritualmente, como elle é da Igreja Catholica (VASCONCELLOS, 15 jul. 1927, p. 4 – Grifo nosso).

Este artigo inicia com as palavras inaugurais de Arthur de Vasconcelos na seção “Vida Catholica”, que se tornaria uma das colunas mais relevantes do impresso paulista Diário Nacional. Essas publicações diárias eram responsáveis por implementar o debate acerca da aproximação entre o catolicismo e a política no final da década de 1920. Nas palavras do intelectual, que inspiraram o título deste artigo, a coluna que emergia naquelas páginas buscava contemplar os princípios basilares da Igreja Católica, principalmente, ao elucidar o debate acerca das orientações sociais no âmbito institucional, bem como na questão dos usos da imprensa pautado nas preconizações estabelecidas pelo Papa Leão XIII, notadamente, na Encíclica *Libertas Praestantissimum* de 20 de junho de 1888.

De acordo com a proposição do colunista, no cenário marcado pelo nacionalismo e forte anseio democrático, os projetos de futuro do Brasil deveriam perpassar pela inspiração no passado, pois teria sido a partir da formação religiosa católica que o país passou a integrar o seleto grupo das nações tidas

como civilizadas. Desta forma, tanto no pretérito, quanto no porvir, a Igreja Católica deveria conduzir a direção intelectual da população.

Neste movimento, à imprensa caberia o papel de sedimentar o sentimento nacionalista e as tradições católicas. Com isso, a Primeira República brasileira passaria a ser reorientada, no sentido de fomentar a reaproximação entre o Estado e a Igreja Católica. Para isso, emergia como protagonista a figura do intelectual católico, vocacionado a dirigir os destinos da nação e a propagar a fé.

Neste ínterim, a proposta elucidada por Arthur de Vasconcellos coadunava com a atuação de um considerável grupo de intelectuais brasileiros que respaldavam o seu posicionamento no cenário letrado nacional a partir das premissas católicas. Essa organização de intelectuais católicas ao longo do terceiro decênio do século XX foi orquestrada por meio de nomes como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Jonathas Serrano, Heráclito Fontoura Sobral Pinto, Durval de Moraes e Murillo Mendes. Eram intelectuais que integravam o Centro Dom Vital, criado na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, nos idos de 1922 (MIGUEL, 2016).

Apesar de haver uma considerável visibilidade do Centro Dom Vital no âmbito da historiografia brasileira, com pesquisas que se debruçaram acerca das contribuições de inúmeros intelectuais católicos na esfera da constituição da chamada neocristandade (AZZI, 1994; SERRANO, 2024), o nome de Arthur de Vasconcellos ainda permanece quase desconhecido. Assim, apesar de ter sido uma importante voz no debate acerca da articulação dos católicos na arena política, as contribuições do intelectual no tocante ao pensamento católico nacional foram ignoradas. Essa condição de marginalidade atrelada à figura de Arthur de Vasconcellos pode ser entendida como resultante da conjunção de diferentes aspectos que perpassaram pela trajetória do letrado, entre as quais o fato de se tratar de um sujeito nascido em outro país, da dispersão dos escritos em inúmeros impressos, a dificuldade de encontrar registros acerca de sua atuação e, primordialmente, o fato de sua atuação no debate público ter ocorrido em São Paulo, à margem do epicentro das discussões no Centro Dom Vital.

Pautado nesta lacuna historiográfica acerca da atuação de intelectuais católicos no Brasil ao longo da década de 1920, neste artigo busco perquirir o

processo de construção de uma cultura política católica e o projeto de nação atinentes ao Brasil que foram tecidos pelo intelectual Arthur de Vasconcellos. Para isso, mobilizo como fonte os escritos do autor no âmbito da imprensa paulista, com ênfase para a coluna "Vida Catholica", publicada diariamente no jornal Diário Nacional entre os anos de 1927 e 1928. Os escritos na aludida coluna foram responsáveis por projetar um modelo de nação a ser implementado no país, no qual o catolicismo era tido como um instrumento de inserção do Brasil no rol das nações civilizadas. Essas fontes serão cotejadas com outros registros coetâneos na imprensa ou em livros publicados pelo intelectual.

Ao considerar a abrangência das temáticas mobilizadas pelo articulista, busquei fundamentar a leitura a partir da noção cultura política postulada por Serge Berstein, que parte da premissa de que se trata de "um fenômeno de múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca, mas permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos" (BERSTEIN, 1998, p. 350). Isso possibilita entender os enfrentamentos políticos no âmago do debate religioso a partir da atuação de intelectuais. Conforme a provocação de René Rémond (2007, p. 36), se "o político deve-se explicar antes de tudo pelo político, há também o político mais que político". Desse modo, compactuo com a perspectiva na qual "a cultura política supre ao mesmo tempo uma leitura comum do passado e uma projeção no futuro vivida em conjunto" (BERSTEIN, 1998, p. 351).

Entretanto, o processo de construção de uma cultura política católica no Brasil engendrada no transcurso da década de 1920 teve entre os seus agentes os intelectuais. Neste sentido, torna-se salutar discorrer acerca dos subsídios da história dos intelectuais que, no entendimento de Jean-François Sirinelli, "tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural" (SIRINELLI, 2007, p. 232). Essa perspectiva permite acionar a concepção de intelectual defendida por Sirinelli, a partir de "duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os "mediadores" culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento" (SIRINELLI, 2007, p. 242). A atuação de Arthur de Vasconcellos

na arena política brasileira em defesa dos princípios católicos permite entendê-lo no âmbito de um intelectual engajado, no qual subsidiou a construção do debate público, polemizou acerca da conduta dos católicos e evidenciou um projeto de futuro.

Os intelectuais católicos brasileiros tiveram um forte impacto no debate público acerca da defesa do engajamento dos religiosos no tocante ao campo político. Um debate que mobilizou um considerável grupo intelectual constituído por nomes amplamente conhecidos, como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Jonathas Serrano. Conforme foi observado por Edvaldo Soares:

> tendo em vista o projeto restaurador, também a imprensa católica colaborou na missão de demonstrar os benefícios da cooperação entre igreja e Estado, além é claro, de defender os ideais da Igreja Católica, a qual se considerava como uma força espiritual que pairava acima do Estado e cujos prelados eram representantes diretos do Papa e, consequentemente de Cristo" (SOARES, 2014, p. 50).

As proposições defendidas por Arthur de Vasconcellos na imprensa paulista coadunavam com o pensamento que predominava entre os intelectuais do Centro Dom Vital. Questões como a adjeção entre ciência e religião, bem como entre política e catolicismo tornaram-se pautas centrais nos escritos do articulista. Mas afinal, quem foi Arthur de Vasconcellos? Essa é uma questão não somente ontologicamente complexa, mas também de difícil operacionalização em decorrência da pulverização das fontes e da existência de pelo menos quatro sujeitos homônimos no cenário intelectual brasileiro ao longo da primeira metade do século XX.

Em grande medida, a dificuldade perpassa pelas inúmeras mudanças nas quais o intelectual assinou seus textos. No emergir do século XX, ainda vivendo em Portugal, ele era apresentado como Arthur Vasconcellos Veiga de Faria, conforme consta na biografia publicada por Alberto Pereira D'Almeida no "Álbum dos vencidos" (D'ALMEIDA, 1913, p. 73). No Brasil, ao ser naturalizado brasileiro nos idos de 1919, foi registrado o nome de Arthur de Vasconcellos Veiga. Na coluna "Vida Catholica" foi usada a abreviatura A. V. como assinatura dos textos publicados pelo intelectual católico. Na imprensa paulista, ele era recorrentemente mencionado apenas como Arthur de Vasconcellos ou como Dr.

Arthur de Vasconcellos.

No período, o termo doutor era acionado para designar os profissionais com formação nas áreas de engenharia e, principalmente, direito e medicina. Todavia, o publicista da coluna "Vida Catholica" era apresentado como médico, tendo, inclusive, publicado o livro "'Res non verba' (A estigmatisada de Campinas). Livro do Dr. Arthur de Vasconcellos, fazendo um estudo de caso da Irmã Amália de Jesus Flagellado, a estigmatisada de Campinas" (DIÁRIO NACIONAL, 3 Jul, 1929, p. 8). O problema é que ao longo da década de 1920 existiam pelo menos três médicos apresentados como Arthur de Vasconcellos: um no Ceará, com forte envolvimento na política estadual, um no Rio de Janeiro, que integrava os quadros da Sociedade de Medicina e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, por fim, em São Paulo, que ora se apresentava como médico vegetariano, ora como médico católico. É possível afirmar que esse médico vegetariano e católico era de nacionalidade portuguesa e desde meados da década de 1910 vivia na capital paulista.

Contudo, tanto a nacionalidade portuguesa, quanto a atuação no estado de São Paulo também sinalizam para a dubiedade de sujeitos. No período em voga existiam dois intelectuais portugueses com o nome de Arthur de Vasconcellos que vivam na capital paulista. O que distinguia os dois intelectuais eram os campos de atuação: um tornou-se propagador da criação de uma universidade de cultura tradicionalista e chegou a publicar o livro "Universidade de cultura tradicionalista: pro-cooperação intelectual luzo-brazileira" em 1948. Já o autor das matérias publicadas no Diário Nacional publicou livros que discorria sobre assuntos científicos, religiosos e sobre o vegetarianismo.

A principal evidência de que o médico português foi o autor da coluna "Vida Catholica" foi a apresentação acerca da distribuição de seu livro autoral no qual ampliava o debate efetivado na imprensa:

> Dr. Arthur de Vasconcellos, Médico do 'Instituto de Coimbra' e da 'Academia de Sciencias'. *A política e os catholicos*. Em linguagem clara, por vezes enérgica, o auctor expõe os princípios do catholicismo sobre política, ou por outra da cooperação dos catholicos na política, procurando assim

> orientar a consciência dos catholicos nesta magna questão, cheia de actualidade. Agradecemos a fineza da remessa do interessante estudo (O LAR CATHOLICO, 6 Jan. 1929, p. 8).

Assim, é possível dizer com precisão que o médico formado em Coimbra foi o intelectual que escreveu os textos da coluna "Vida Catholica". Ele foi o intelectual que investiu no debate acerca da construção de uma política nacional fundamentada nos princípios do catolicismo. A partir dos aspectos que perpassam pela trajetória do protagonista deste artigo, estruturei o texto em três momentos. No primeiro busco apresentar alguns dados do intelectual, pautado no perfil biográfico publicado em Lisboa em 1913 e nos registros acerca do sujeito disponíveis na imprensa brasileira entre as décadas de 1910 e 1940. No segundo momento discuto a atuação do intelectual no Brasil. Por fim, analiso os textos publicados na coluna "Vida Catholica" onde é possível pensar acerca da construção de uma cultura política católica no país, no qual era imaginado o futuro da nação. Desse modo, torna-se necessário pensar acerca da trajetória de Arthur de Vasconcellos no cenário intelectual brasileiro.

1. "GRAVAR AQUI COM TRAÇOS IMORREDOIROS AS AMARGAS VICISSITUDES DA SORTE QUE EXPERIMENTOU": TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE ARTHUR DE VASCONCELLOS

As informações acerca do intelectual Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria encontram-se dispersas e ainda não foram alvo da sistematização. Essa condição, em grande medida, contribuiu para torná-lo um sujeito pouco mencionado no âmbito historiográfico. Apesar de ter sido um dos principais defensores da Igreja Católica na imprensa paulista no decorrer da década de 1920, ele costuma ser lembrado por suas contribuições na difusão do vegetarianismo, em pesquisas como a tese de Graziele Guimarães Granada (2019).

Todavia, essa escassez de estudos não reflete um sujeito apagado ou de pouco impacto em seu tempo. Ao contrário, ao mensurar a documentação coetânea, notadamente os registros na imprensa, é perceptível que se tratava de um intelectual envolvido em importantes questões do debate público nacional.

Além disso, se trata de um nome que também foi alvo de grandes polêmicas, inclusive, a acusação de exercício ilegal da medicina. A cada edição dos jornais, a leitura atinente ao intelectual oscilava entre o dedicado médico que defendia o vegetarianismo ou dos princípios católicos e à suspeita de ser um "falso doutor" responsável pela prática do charlatanismo.

Possivelmente, a principal nota biográfica de Arthur de Vasconcellos foi publicada em Portugal, por um aliado de resistência à Primeira República lusitana. Trata-se da importante coletânea "Álbum dos Vencidos", organizada por Alberto Pereira d'Almeida (1875-1941). No caso, a obra é voltada à construção da memória de pessoas que lutaram contra à derrocada da monarquia ou que foram alvo da política restritiva dos republicanos portugueses, notadamente, presos políticos e exilados. Como o próprio título sinaliza, o "Álbum dos vencidos" enaltece os princípios das pessoas que resistiram a implantação da república e, não raramente, evidencia as trajetórias dos biografados nos moldes dos mártires. Assim, em apenas quatro páginas o tipógrafo português apresentou em largos traços alguns aspectos da trajetória intelectual de Arthur de Vasconcellos em Portugal. Para o biógrafo:

> Eis-nos chegamos agora a um nome, que por sobejamente conhecido em todo o paiz, pelas repetidas e mesquinhas campanhas de descrédito que contra elle se urdiram, e que por isso mesmo mais se impoz no conceito e na admiração do público honesto, dispensaria hoje qualquer apresentação, se não fosse a vontade nossa de *gravar aqui com traços imorredoiros as amargas vicissitudes da sorte que experimentou* (D'ALMEIDA, 1913, p. 73).

A nota biográfica elucida que o reconhecimento do nome do intelectual em terras portuguesas era decorrente de campanhas difamatórias. Essas alegadas calúnias propagadas pelo país teriam resultado em uma trajetória marcada por sofrimentos. A escrita biográfica perpassava pela estrutura narrativa hagiográfica, ao tornar a figura do intelectual correlata a do mártir:

> É elle, Arthur Vasconcellos Veiga de Faria, que embora seja muito novo, é o preso político mais antigo que cárceres portugueses encerram: uma alma muito resignada e soffredora, ao mesmo tempo, alentada por uma Fé que a elle nunca se

> extingue, Fé que elle venera com abnegado sacrifício – "se, como elle diz algures, é *sacrifício sofre pela pátria quando a ella se há prestado a mais leal das dedicações".* (D'ALMEIDA, 1913, p. 73).

As palavras do biógrafo elucidam a figura de um homem religioso, dotado de fé e que teria abraçado o sofrimento como um ato de sacrifício. Seria, neste caso, um mártir sacrificado em defesa de seus princípios, que perpassava pela fé e pela pátria. Pátria e fé encontravam-se unidas de forma idiossincrática. Como extensão do sujeito, a pátria estaria emoldurada na confluência entre religião e política. Todavia, apesar de ter sido narrado biograficamente como um mártir lusitano, o autor do texto revela as lacunas de informações acerca da figura de Arthur de Vasconcellos. Ele seria um intelectual que escapava da dimensão histórica:

> Acontece muitas vezes dizer-se d'um homem, e escrever-se delle longas tiradas, elevando-lhe em narrativas históricas, actos da sua vida que agiram em taes ou quaes epochas, e que reconsideradas não podem negar à posteridade o cunho expresso do heroe. D'esses actos fazem-se grandes poemas e escrevem-se em sucessivas expansões obras de variados matizes.
> Do nosso biographado não podemos fazer-lhe a sua edade histórica. abordando-o um dia, a sua grande acção moral só vagas ideias e essas próprias dos typos fortes nos deixou transparecer, porque Vasconcellos Veiga é uma organização que não se abre às primeiras impressões de quem se lhe dirige. Falando-nos com simplicidade, as suas expressões são de sinceros affectos do coração. E, contudo, ouvi-lo, é um fio vivo de conhecimentos, é ouvir uma lama onde reside a sinceridade, o verdadeiro interesse pela arte, pelo trabalho e pelas sciencias que n'elle tem um devotado cultor.
> Não vamos fazer a história de nosso biographado; porque como já dissemos, elle ainda não se nos revelou para esse fim (D'ALMEIDA, 1913, p. 73).

A assertiva do biógrafo evidencia um sujeito que, apesar das polêmicas em Portugal no período posterior a implementação do governo republicano, ainda continuava desprovido de informações atinentes à trajetória e ao pensamento. Diante da ausência de um amplo leque documental, ainda não seria possível pensar a história do sujeito. O que se tinha eram apenas parcas informações oriundas do "prazer da convivência quando seu companheiro de

presídio da Trafaria". Foi por meio dessa experiência que o biógrafo pôde "dar estes dados de observação que consistem em um desapaixonado esboço de biographia editado com o auxílio d'um amigo que o conhece de longa data e que merece a maior das considerações" (D'ALMEIDA, 1913, p. 73).

No início de sua trajetória profissional, Arthur de Vasconcellos atuou na Escola Movel Agrícola e de Instrucção Profissional e na imprensa, ao dirigir o jornal "Interesse Nacional" no distrito de Braga (D'ALMEIDA, 1913, p. 74). Além disso, publicou o livro "Glicínias e Violetas", inserindo-se no rol dos intelectuais portugueses. Regularmente, aos domingos e dias santos, o intelectual ia às missas para distribuir sementes, ocasiões nas quais "dissertava sobre política onde deixava a semente partidária" (D'ALMEIDA, 1913, p. 14). Desses colóquios resultaram as primeiras acusações, que o levou a migrar para o Rio de Janeiro. Em 1911, ao fazer uma viagem para Londres, foi preso:

> Da responsabilidade do seu delicto político pelo qual foi preso em 8 de março de 1911, a bordo do vapor *Aragon*, fundeado no Tejo, quando do Rio de Janeiro se dirigia a Londres, nada se sabe. O próprio inquérito a tal respeito, apenas conseguiu apurar que Arthur Vasconcellos Veiga de Faria era um conspirador, apesar de o terem accusado "ele chefiar uma quadrilha de malfeitores que se destinava a assassinar os membros do governo provisório (D'ALMEIDA, 1913, p. 74).

Essas acusações sobre a conduta política de Arthur de Vasconcellos em Portugal resultaram na prisão. Além disso, elas também iriam repercutir negativamente ao longo de praticamente toda a trajetória, inclusive no Brasil, país onde ele foi exilado após ter sido inocentado. No julgamento ele teria se defendido "sem abdicar das suas convicções monarchicas, sendo absolvido por falta de provas" (D'ALMEIDA, 1913, p. 76). Para Alberto Pereira D'Almeida:

> Espírito de revolucionário nunca deixou de escrever criticando a situação da República, como foi o que mais se insurgiu contra a amnistia quando companheiros seus se lembraram de a pedir.
> Arthur Vasconcellos Veiga de Faria é filho de Thomé de Sousa Arantes Pereira Veiga e de D. Antônia da Silveira Rodrigues Veiga; nasceu em Aveiro a 27 de setembro de 1879.
> É casado com D. Maria da Graça Passos Cunha de Freitas Vasconcellos e Sá, da Casa de Outiz, filha de fidalgos do mesmo

> título, e aparentada com as melhores famílias do districto de Braga.
> Conservando-se no Brazil, durante a carceragem de seu marido, tem dado n'essas longínquas paragens exemplo d'um sofrimento evangélico e d'um alto patriotismo digno de ser imitado.
> E seu marido sempre com ânimo para suportar as agruras do cárcere, não perdeu ainda a fé.
> No seu livro já anunciado, Sacrificio ante o Dever, promete revelar a sua interferência na conspiração (D'ALMEIDA, 1913, p. 76).

Os dados biográficos de Arthur de Vasconcellos revelam que antes de sua chegada ao Brasil ele já era um intelectual provido de uma considerável atuação no cenário político, por meio da realização de conferências, escrita na imprensa e publicação de livros. Contudo, na outra margem do Atlântico, ele se tornaria um árduo defensor da renovação do pensamento científico nacional, por meio da aproximação do catolicismo e da defesa do vegetarianismo.

2. "NESSAS LONGÍNQUAS PARAGENS UM EXEMPLO DE SOFFRIMENTO": AS FACES DE UM MÉDICO VEGETARIANO, CATÓLICO E CURANDEIRO

Ao retornar a cruzar o Atlântico na condição de exilado político, ele continuou a exercer a defesa pública dos princípios políticos articulados com a doutrina católica, bem como, a defender os princípios científicos. Isso o levou a ser incluso entre os intelectuais do país, inclusive, por meio da divulgação científica em eventos internacionais. No impresso "O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, na edição número 20 de 1916, publicou em "Chronica e Noticias":

> Primeiro Congresso Americano da Criança: O "Comité Nacional Brazileiro" deste importante Congresso, a se reunir em Buenos Aires no próximo mez de Julho, teve comunicação de que lhe serão, a mais, enviadas as seguintes memorias:
> Dr. Augusto Linhares – Cura da gagueira e das perturbações da voz e da palavra nas crianças.
> General Dr. Thaumaturgo de Azevedo – Legislação industrial.
> Dr. Jayme Aben-Athar – A lepra infantil é vaccinante.
> Professor Ferreira da Rosa – O Collegio Militar do Rio de Janeiro.

> Dr. Zeferino de Faria – A Sociedade Amante da Instrução (Histórico).
> Dr. Arthur Vasconcellos Veiga – Psychologia do medo.
> Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães – I. A protecção à infância na Bahia; II. Desenvolvimento do ensino da hygiene e da puericultura na Escola Normal (O BRAZIL-MÉDICO, 1916, p. 160).

Chama a atenção o fato de pouco tempo após o retorno ao Brasil o nome de Arthur de Vasconcellos aparecer entre os brasileiros que iriam apresentar comunicações no Congresso Americano da Criança de Buenos Aires. Além disso, a proposta de memória a ser apresentada na Argentina versava sobre uma questão que até então não havia sido mencionada pelo biógrafo português. Ele passava a adentrar a questão da saúde, por meio da discussão sobre a psicologia do medo.

Poucos anos depois do evento científico em terras argentinas, Arthur de Vasconcellos obteve a cidadania brasileira. O nome do intelectual católico português apareceu na "Relação dos estrangeiros naturalizados brasileiros, durante o anno de 1919, cujos títulos estão registrados na Secretaria de Estado da Justiça e Negócios Interiores", onde consta a informação que a portaria de naturalização foi publicada no dia 2 de julho do mesmo ano, com o nome de Arthur de Vasconcellos Veiga. Nesse período, o médico já era conhecido por ser um defensor da alimentação vegetariana e de seu matrimônio com Maria da Graça Vasconcellos e Sá tinha constituído uma prole com duas filhas, Maria de Lourdes e Augusta, conforme pode ser observado na Figura 1:

Figura 1: Infância vegetariana com as filhas de Arthur de Vasconcellos



Fonte: ILLUSTRAÇÃO DE SÃO PAULO, Mai. 1919, p. 18.

A inserção de Arthur de Vasconcellos no cenário médico brasileiro ocorreu por meio da aquisição de um consultório para clinicar, pela apresentação de memórias em eventos acadêmicos da área e pela escrita de livros e publicação de artigos na imprensa. O médico consolidava o seu nome nos fazeres científicos brasileiros da primeira metade do século XX. Em 1920, o intelectual publicou o livro "Dissertação a diagnose iridiologica". Desse investimento resultou na constituição de uma considerável bibliografia, que ao final dos anos 20, era distribuída pelo autor para compor a bibliotecas institucionais no país. No ano de 1928, a Associação Brasileira de Imprensa divulgou a nota na qual informava:

> Tomou a directoria conhecimento das offertas à biblioteca" dos seguintes livros:
> "O perigo Necrophagico", "Nobre e santo", "Instruindo e Semeando", "Evangellario Naturista", "A Diagnose pelos Olhos", "Teresinha, a Linda", "Heroe Moral", de Arthur de Vasconcellos Veiga, ofertas feitas pelo auctor (Jornal do Commercio, 23 de jun. 1928, p. 5).

Essas doações ocorreram no momento de notável envolvimento de Arthur de Vasconcellos nos meandros da imprensa nacional e coincide com o período do ápice da produtividade do autor. Um ano após a doação, o nome do intelectual já aparecia entre os integrantes da Associação Brasileira de Imprensa. No dia 23 de novembro de 1929, o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro notificou: "obtiveram carteira de jornalista os seguintes associados: Crystal Enete, William

U. Enete, Enzo Silveira, Eduardo Schmidt de Araújo e Arthur de Vasconcellos Veiga" (JORNAL DO COMMERCIO, 23 de nov. 1929, p. 3). Além da Associação Brasileira de Imprensa, Arthur de Vasconcellos também teve uma considerável inserção na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Na edição de 8 de outubro de 1928, o Diário Nacional de São Paulo publicou:

> Na Sociedade de Medicina e Cirurgia
> O que se passou na última reunião
> Presidida pelo dr. Cantidio de Moura Campos e secretariado pelos drs. Soares Hungria e Altino Antunes, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo reuniu-se, segunda-feira última, em sessão ordinária do mês (...).
> O dr. Paulo Santos communicou que o dr. Arthur Vasconcellos, acceitando o convite que lhe fora feito para realizar na Sociedade de Medicina, proximamente, uma conferência, esplanando sobre o thema: "Conceito actual de diabete e seu tratamento" (DIÁRIO NACIONAL, 8 de outubro de 1928, p. 5).

Percebe-se que no descerrar da década de 1920 Arthur de Vasconcellos se tornou uma voz difundida em diferentes espaços institucionais, inclusive, com a classe médica. A inserção do intelectual católico no debate público propiciou a abertura das portas de algumas instituições culturais existentes no país. Assim, a atuação na Associação Brasileira de Imprensa o levou a galgar espaços mais ambiciosos, incluindo a Academia Brasileira de Letras, a qual se candidatou em 1930:

> Academia Brasileira
> A sessão de Quinta-feira – os concursos literários de 1930
> Realizou-se quinta-feira ultima a sessão pública-ordinária da Academia Brasileira de Letras, presentes os Srs. Fernando Magalhães, presidente; Gustavo Barroso, secretário Geral; Olegário Marianno, 1º secretário, Constatino Alves, tesoureiro; Affonso Celso, Afrânio Peixoto, Alberto de Oliveira, Aloysio de Castro, Antonio Astrogeilio, Ataulpho de Paiva, Augusto de Lima, Coellho Netto, Dantas Barreto, Felix Pacheco, Goulart de Andrade, Helio Lobo, Humberto de Campos, João Ribeiro, Luiz Carlos, Luis Guimarães Filho, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Ramiz Galvão, Roquette Pinto e Silva Ramos
> Abrindo a sessão, deu o Presidente a palavra ao professor Julien Luchaire, diretor do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, o qual dissertou sobre o thema: "A poesia franceza, de Paul Veriaine a Paul Valery", sendo ao terminar vivamente aplaudido pela numerosa assistência.
> Foram recebidos pela Secretaria cartas dos Srs. Dilermando

> Cruz e Arthur de Vasconcellos Veiga, ambos declarando-se candidatos à vaga de Amadeu Amaral, na cadeira Gonçalves Dias (JORNAL DO COMMERCIO, 1 Dez. 1929, p. 9).

A candidatura de Arthur de Vasconcellos à cadeira número 15 da Academia Brasileira de Letras não foi exitosa, pois acabou sendo eleito como novo imortal o paulista bacharel em Direito, Guilherme de Almeida. Concomitante a inserção nos fazeres científicos e mobilização para integrar às instituições culturais, o intelectual católico português engajou-se nas atividades dedicadas à Igreja Católica. No dia 15 de maio de 1929, ele elaborou uma barraca com temática portuguesa para participar da "kermesse para construção da igreja matriz do Braz" (DIÁRIO NACIONAL, 15 de jun. 1929, p. 6). A articulação do intelectual com o cenário religioso brasileiro perpassou pela construção de redes de sociabilidades, nas quais ele foi convidado para ser padrinho de casamento de Rosalina Chaves e Antônio Cabral no religioso, além de manter um constante diálogo com Dom Francisco de Campos Barreto, bispo da Diocese de Campinas.

Apesar de ter constituído uma rede de sociabilidade com personalidades influentes do estado de São Paulo, Arthur de Vasconcellos enfrentou contrariedades com os opositores políticos no tocante ao exercício da profissão de médico. No jornal Diário Nacional do dia 30 de abril de 1930 foi publicada a matéria intitulada "O exercício ilegal da medicina", com a manchete "Foram presos pela Delegacia de Costumes e Jogos dois curandeiros. Ambos serão expulsos do território nacional". O médico que costumeiramente era elogiado por sua dedicação aos fazeres científicos e que havia atuado no tratamento da saúde de parte da população paulista, passava a ser tratado como curandeiro. Segundo o impresso paulista:

> Um dos falsos médicos
> Um dos processados agora pela Delegacia de Costumes e Jogos é Arthur Vasconcellos Veiga de Faria, de 51 annos de idade, portuguez, morador à rua Vergueiro, n. 131.
> Intitula-se médico, diplomado por uma faculdade de medicina de Portugal, mas está verificado pelo Serviço Sanitário desta capital, que elle não obteve diploma em nenhuma das universidades portuguezas.

> Arthur de Vasconcellos exercia francamente a clínica nesta capital, sendo processado várias vezes.
> Tratou do doente Américo de Noce, residente à rua Paraíso, 80, nos dias 20 a 24 de janeiro de 1928, o qual veio a falecer, em consequencia do seu tratamento.
> Esse facto provocou a abertura de um inquérito policial, tendo ficado plenamente provada a culpabilidade de Arthur Vasconcellos (DIÁRIO NACIONAL, 30 de abr. 1930, p. 5).

De acordo com a matéria veiculada no mesmo impresso no qual o intelectual havia assinado a coluna "Vida Catholica" explicitava que as acusações de exercício ilegal da medicina eram recorrentes desde o início da década de 1920. Nos idos de 1928, momento no qual ainda assinava a aludida coluna, ele publicou uma nota na qual buscava comprovar a sua formação em medicina:

> A dr. Arthur de Vasconcellos
> Ao público
> Obrigado pela segunda vez a trazer a público a afirmação de que me não intitulo Médico, porém que o sou de facto e de direito, devo ao público esta única prova que passo a transcrever: Eu, Pedro Nunes de Sá, cônsul do Brasil, etc. Certifico que é verdadeiro o diploma retro conferido ao doutor Arthur de Vasconcellos, e que para constar onde convier, a pedido do interessado, passo o presente, o qual, para os fins de direito, deve ser legalizado no Ministério das Relações Exteriores ou em qualquer Repartição Fiscal do Brasil, e assigno e vae selada com o sello das armas deste consulado, etc.
> Tem a data de 10 de fevereiro de 1921, pagou a Recebedoria Federal os devidos direitos, e foi reconhecida na Secção dos Negócios Commerciaes e Consulares da América, no Rio de Janeiro, em 19 de março de 1921, sob o sello do Ministério das Relações Exteriores.
> São Paulo, 30 de maio de 1928
> Dr. Arthur de Vasconcellos (DIÁRIO NACIONAL, 1º jun. 1928, p. 5).

O documento apresentado pelo intelectual católico português, reconhecida pelos principais órgãos competentes, evidencia que a acusação de charlatanismo no exercício da medicina era improcedente. Tratava-se, possivelmente, de retaliações promovidas por problemas oriundos de outras esferas, como a política. Essa hipótese galga força ao considerar que a denuncia de curandeirismo foi acompanhada de um relato acerca das atividades políticas do intelectual:

> Os antecedentes do curandeiro
> O referido charlatão abusa evidentemente da hospitalidade brasileira, por isso que foi expulso de sua pátria como perigoso agitador e fora indicado pela polícia brasileira como o delegado dos conspiradores que pretendiam fazer a restauração da monarchia em Portugal, em 1911.
> Foi processado em fevereiro de 1923, como charlatão, pelo dr. Carlos Pimenta, então 5º. Delegado de polícia, tendo ficado provado também que elle exercia a medicina nesta capital, e que fazia profissão de clínico, vivendo a expensas de seus clientes (DIÁRIO NACIONAL, 30 de abr. 1930, p. 5).

O passado político de Arthur Vasconcellos no processo de restauração da monarquia portuguesa foi acionado como um indício de conspiração, associando-o à imagem de figura perigosa. O embate entre ciência e curandeirismo no Brasil ao longo da década de 1930 foi uma prática recorrente, com processos que ocorreram em diferentes estados, perseguições aos terreiros de candomblé e prisões de curandeiros acusados de charlatanismo (CARVALHO, 1995; CALAÇA, 2005; COUCEIRO, 2004). Se, no passado, situado na outra margem do Atlântico, Vasconcellos era uma ameaça pelo envolvimento em movimentos conspiratórios, no presente e em solo brasileiro, o perigo rondava pela profusão de ideias que projetavam um futuro nacional marcado pelo protagonismo católico no cenário político nacional.

3. "PRESTANDO ÀS FULGURANTES LUZES DA IGREJA UM LOGAR DE HONRA": ARTHUR DE VASCONCELLOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA POLÍTICA CATÓLICA

Edvaldo Soares, a "década de 20 foi o grande momento de reaproximação entre Igreja Católica e Estado no Brasil. A igreja, aceitando a República, procurou restaurar a religião no seio da sociedade civil" (SOARES, 2014, p. 47). Desse quadro no qual a Igreja Católica voltava-se para o debate político, uma parcela de intelectuais católicos passou a se envolver na política partidária. Esse foi o caso de Arthur de Vasconcellos, um integrante dos quadros do Partido Democrático.

Com a família constituída e a cidadania brasileira conquistada, Arthur de

Vasconcellos empreendeu ações que atravessavam entre os fazeres médicos e a política. Assim, em dezembro de 1920, apoiado pelo líder político Júlio de Andrade Silva, ele obteve a maior votação na eleição para Juiz de Paz do distrito de Osasco. A eleição foi amplamente divulgada no impresso "Illustração de São Paulo", conforme pode ser observada na Imagem 2:

Imagem 2: Arthur de Vasconcellos



Fonte: ILLUSTRAÇÃO DE SÃO PAULO, 1920, p. 18

O preito eleitoral para Juiz de Paz do distrito de Osasco foi marcado por

violências, como a vigilância e a tentativa de homicídio dos concorrentes. Disputavam os cargos os correligionários de Júlio Silva, apoiando Arthur de Vasconcellos; e do coronel Delphino Cerqueira, integrante do Partido Republicano. Os opositores de Vasconcellos teriam sido responsáveis por promover "uma série de ameaças, até de morte se, tentassem expoliá-lo de uma victoria que elle pretendia por qualquer meio obter, mesmo os mais deshonestos" (ILLUSTRAÇÃO DE SÃO PAULO, abr. 1920, p. 38). Ainda segundo o impresso paulista, a inserção política de Arthur de Vasconcellos era decorrente de sua atuação no distrito de Osasco durante a epidemia da Gripe Espanhola. Assim,

> sem cor política, inteiramente alheio a ella, sem paixões nem ambições o sr. Dr. Arthur de Vasconcellos acceitou essa candidatura como uma homenagem popular do districto aos préstimos elevadíssimos que lhe tem dispensado, raro entre os raros e muito especialmente, aos seus serviços durante os terríveis três meses da Grippe que assolou o Estado e cujo desvelo Osasco não esquece (ILLUSTRAÇÃO DE SÃO PAULO, abr. 1920, p. 39).

Neste sentido, a trajetória de Arthur de Vasconcellos já era marcada pelo embate político. Apesar da candidatura ter sido apresentada como uma ação desinteressada na qual o ele teria aceitado como uma demanda popular, os aspectos atrelados à trajetória do intelectual sinalizam para uma postura mais aguerrida, na qual a política sempre esteve em seu horizonte. O antigo monarquista português se reinventava e passava a readequar-se ao contexto republicano para defender as suas pautas marcadas por princípios católicos. A imprensa se transmutava em campo de guerra no qual os princípios católicos eram defendidos como um espelho para a política nacional (KLAUCK, 2011; PARGA, 2012; PAULA, 2018). Ele passava a adentrar o palco da chamada boa-imprensa, "que era vista como uma das principais formas de conservação da fé na sociedade, possibilitaria a sobrevivência da Igreja Católica no mundo contemporâneo" (MARIN, 2021, p.16)

Ao assumir a coluna "Vida Catholica" em 1927, ele operava no cenário político para cumprir uma agenda católica. O impresso paulista se tornaria um instrumento para que, pudessem, "sem paixões individuaes, os catholicos comprehender este nosso sincero objectivo, para que todos entendidos e em paz

contribuam para o bem estar e a felicidade do paiz" (VASCONCELLOS, 15 jul. 1927, p. 4). Ocupar-se de escrever para a imprensa implicava em prestar um serviço à Igreja Católica, como bem observava Arthur de Vasconcellos:

> Esta secção do "Diário Nacional", *prestando às fulgurantes luzes da Igreja um logar de honra*, não limitará a sua acção ao noticiário commum e vulgar de todos os dias. Dedicar-se-á à defesa social, política e religiosa dos princípios doutrinários da Igreja, dedicando às verdades eternas do evangelho que ella representa o seu sincero préstimo e levando a cada lar a certeza dos seus puros intentos e a confiança das suas leaes atitudes. Dedicando o seu melhor esforço aos fins geraes do programma, procurará dar diariamente a mais completa reportagem religiosa, como dos acontecimentos sociaes catholicos da actualidade, fazendo resenha de todos os factos, conferências, solenidades, expediente das Câmaras Ecclesiásticas dos Bispados do Estado, enfim de tudo quanto interessa ao conhecimento público (VASCONCELLOS, 15 Jul. 1927, p. 4).

Ao escrever diariamente sobre os aspectos que norteavam o cotidiano da Igreja Católica no Brasil, Arthur de Vasconcellos corroborava para fundamentar um projeto de futuro a ser implementado no país, pautado na propagação dos fundamentos religiosos que deveriam ser apropriados como pilares de uma civilização brasileira. Proposta que se aproximava de outros intelectuais católicos que atuavam na capital do país. Assim, pautado na leitura comum de passado, o futuro projetado revelava uma a civilização brasileira tecida pelo catolicismo. O tempo presente emergia como a confluência na qual era corrigida a direção do percurso histórico nacional e assim, o passado católico resultante da catequese tornava-se o horizonte a ser trilhado. Essa dimensão em instituir uma nação tida como a civilização católica foi ressaltada pelo intelectual:

> Neste sentido merecer-lhe-ão cuidado todos os assuntos referentes à vida catholica-social, política, litteraria e artística; procurará reunir diariamente o mais completo repositório das actualidades religiosas para testemunhar o seu desejo de bem servir, contribuindo nessa ordem de idéas para o maior brilho da Religião, à qual de facto se deve a irradiação dos ideaes civilizadores pela poderosa acção de seus fructos, muito particularmente no século actual em que o pensamento humano entregue à remodelação da vida social dos povos, firma no seio delles a democracia, entendida como entendem os homens de bem e os leaes servidores da Pátria (VASCONCELLOS, 15 Jul. 1927, p. 5).

Em tempos republicanos, o antigo monarquista se reinventava parcialmente. A democracia era definida pelo intelectual como um constructo resultante dos novos tempos, da remodelação da vida social na qual o pensamento da humanidade havia sido entregue em pleno emergir do século XX. Contudo, a democracia deveria servir aos desígnios dos homens de bem, aos paladinos da pátria. Enfim, a democracia imaginada por Vasconcellos deveria ser tutelada por mentes católicas.

Pautado nessa premissa, o presente, marcado pela realidade política republicana, tornava-se o tempo da reparação, de alijar-se dos vícios, de efetivar uma reorientação no processo formativo das novas gerações de cidadãos que iriam conduzir os destinos da propalada civilização brasileira. Neste percurso propalado por Arthur de Vasconcellos uma questão fundante era a prática educativa, notadamente, a que tinha a frente as professoras primárias. Isso fez com que as atividades das escolas fossem alvo da atenção do articulista:

> Todos os anos a sociedade feminina se movimenta para prestar às crianças uma homenagem de carinho, ora destinando-lhe um dia que denominaram o da criança, ora promovendo passeios, brinquedos, cinemas, etc. Nessas coisas todas, feitas às pressas, aparece muita coisa má e anti-patriótica. Ainda não há muito mezes, numa dessas solennidades, uma senhora professora, produzindo um discurso às crianças disse coisas taes que indignaram a assistência culta, que a teve de ouvir, quando o verdadeiro tino político manda que se saiba dizer as coisas sem offensas à nacionalidade que não é culpada do péssimo ou do mau tino administrativo dos homens (VASCONCELLOS, 20 Jul. 1927, p. 4).

A matéria veiculada na coluna “Vida Catholica” tomava como esteio da reflexão as festas escolares destinadas à criança. Na avaliação do autor, o intuito patriótico das professoras era prejudicado e desvirtuado em decorrência da falta de planejamento para os discursos a serem proferidos (SANTOS, 2021). Com isso, as palavras que poderiam ser oportunizadas como lições de civismo, transmutavam-se em “miragens seductoras que nada honram a civilização deste Estado”. Para romper com essa prática que parecia ser recorrente em todo o território nacional, o intelectual católico reafirmava a necessidade de se instituir uma diretriz para nortear as homenagens. Assim, deveria proporcionar às

professoras estudo e tempo para “se consagrarem às crianças dias especiaes para lições de proveito”.

Essas prerrogativas atinentes ao controle das práticas educativas a serem empreendidas pelas professoras primárias sinalizavam para outra dimensão que atravessavam o projeto de nação gestado por Arthur de Vasconcellos. A adjeção entre catolicismo e política era apresentada pelo autor como uma ação inevitável, pois o Brasil, por possuir uma população majoritariamente católica, seria predestinado a ter uma política sedimentada em princípios religiosos. A efetivação desse desígnio foi dissertada pelo articulista:

> Medeiros e Albuquerque, o ilustre publicista cuja penna é admirada e a cujo talento se devem bellas e longas iniciativas a que a inteligência brasileira tem dado aplauso, escreveu há dias sobre política e religião um artigo em que diz que o povo brasileiro “deve procurar em si o que mais une e não o que o separa”. E discorrendo a citar males sobre males, que são as fontes de desunião, refere-se a alguns dos mais illustres prelados brasileiros aos quaes se devem notáveis cartas pastoraes de vistas patrióticas que muito harmonizam com o dever de todo o cidadão para com os partidos políticos existentes ou que venham a existir, e nesse particular deixam antever que é dever do catholico ingressar nesses partidos, desde que no programma não haja alusão alguma à Igreja que a deprecie , ou esconda intuitos duvidosos, pondo de parte os homens, visto que em matéria política e doutrinária é prudente e sensato discutirem-se os princípios e absterem-se todos de discutir os homens.
>
> O illustre escritor vae mais longe ainda no raciocínio com que se apresenta nesse seu artigo magistral. Considerando que a religião da maioria da nação brasileira é a catholica “por ser a mais bela, a mais alta, a mais nobre e a verdadeira”, com maior justiça os catholicos devem ser partidários, para que mais garantias possam oferecer ao serviço pátrio, em virtude da natureza escolha dos homens e da indispensável moral dos costumes (VASCONCELLOS, 16 Jul. 1927, p. 5).

Como ele havia proposto na primeira edição, a coluna buscava reverberar o debate atinente ao catolicismo no Brasil, principalmente, no tocante à convergência entre religião e política (SANTOS, 2024). O texto publicado por Arthur de Vasconcellos acionou o problema que perpassou pela maior parte de seus escritos na aludida coluna, ao debater a atuação dos católicos nos partidos políticos. Em seu entendimento, por ser uma nação de maioria católica, se

tornava um ato obrigatório que pessoas vinculadas a essa denominação religiosa adentrassem os diferentes partidos políticos, desde que não existissem inconsistências entre o programa partidário e os preceitos religiosos.

Assim, a atuação dos católicos na política não deveria ser operada por meio da equidade entre os dois campos, pois havia o limite imposto pela doutrina. Aos católicos caberia cruzar apenas as portas partidárias que não ofendessem à moral cristã. Para corroborar com essa teoria, Arthur de Vasconcellos acionava as experiências pretéritas. Se o país deveria marchar em direção ao futuro inspirado no passado, a história tornava-se um princípio basilar para revelar os encaminhamentos aos católicos na seara política. No entendimento de Vasconcellos:

> A história de todos os tempos dá-nos a conhecer os verdadeiros direitos de cidadania e em todos elles encontramos bem clara e definida a posição social de todos quantos são filhos dignos da sua terra pelo nobre e rasgado papel de leaes servidores das questões econômicas, financeiras, políticas, sociaes, jurídicas e religiosas dos governos. E, nenhuma das páginas dessa história se verifica que a Igreja Catholica, por exemplo, pelo sincero applauso dos catholicos às diversas correntes partidárias, tenha soffrido agravo desses partidos. O que se tem visto, o que se vem averiguando dia a dia é uma questão religiosa em que se degladiam os partidos catholicos ou a indifferença política dos catholicos contra a organização dos partidos civis e dessa circunstância os maos governos de onde tem surgido as graves questões religiosas de que o redactor desta secção foi testemunha não ainda há muitos anos. (...), aos catholicos não é vedado o direito de intervirem nos prélios eleitoraes, como na direcção intellectual dos partidos (VASCONCELLOS, 17 Jul. 1927, p. 4).

O passado acionado por Arthur de Vasconcellos buscava reafirmar que a atuação dos católicos nos partidos políticos era uma demanda histórica e que ao longo do tempo essa presença não teria sido alvo de represália. Neste sentido, aos sujeitos coetâneos caberia a missão de envolver-se no campo político, vinculando-se aos partidos ou contribuindo para estruturar a construção dos seus respectivos programas. A assertiva do colunista afirma que essa presença poderia ocorrer tanto por meio do fortalecimento do Partido Católico, quanto pela presença dos católicos nas demais denominações partidárias. Em ambas as circunstâncias, caberia aos religiosos defenderem a construção de uma pauta

centrada nos fundamentos católicos. Essa postura de relativização do pensamento socialista tecido por Arthur de Vasconcellos tornou-se mais explícita ao escrever sobre as celebrações do mês de maio, em um dos últimos textos assinados pelo intelectual:

> O mundo humano inicia hoje duas datas, ambas auspiciosas para a felicidade geral dos povos à parte as exaltações de uns e as paixões intempestivas de outros, como à parte os ideaes dos descrentes e dos que não commungam nas idéas sãs da alma religiosa.
> O dia 1º de maio para os que aspiram, somente, a sua liberdade, é uma data socialista; irmanada um ideal possível de ser realizado, mas será eternamente impossível porque, o envenenam as paixões.
> No dia, porém, em que esse ideal abraçar a paz perpétua na igualdade bem entendida, esse dia será também o da igreja, pois ninguém mais para esse ideal trabalha com amor, como ella (VASCONCELLOS, 1. Mai. 1928, p. 8).

Essas considerações evidenciam como abertura da atuação política dos católicos também apresentava restrições. A principal delas era em relação aos partidos socialistas, que na ótica do autor trazia em si um aspecto positivo ao defender a causa dos operários, mas carregada de equívocos decorrentes da descrença. Dessa forma, o socialismo necessitava ser conduzido para os pilares católicos e assim possibilitar a plena liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arthur de Vasconcellos foi um intelectual católico que esteve envolvido em grandes polêmicas no âmbito da imprensa brasileira e dos fazeres científicos ao longo da década de 1920. Médico, vegetariano, monarquista e católico, ele atuou em diferentes frentes ao longo de sua trajetória, indo da resistência monárquica lusitana nos idos de 1911 à defesa de maior participação dos católicos no campo político.

Concomitante ao ativismo católico na imprensa paulista, Vasconcellos também enfrentou percalços que resultaram na instabilidade de sua permanência no país, como as conflituosas eleições para juiz de paz do distrito de Osasco em 1920 e as inúmeras acusações de exercício ilegal da medicina.

Experiências que recorrentemente eram mobilizadas pelo autor para expressar em sua coluna os perigos de uma política intolerante e desprovida dos princípios católicos.

Ao assinar a coluna "Vida Catholica", Vasconcellos teve a sua disposição um espaço privilegiado para instituir uma cultura política católica, coadunada com a posição de outros intelectuais católicos de seu tempo, notadamente, os defensores do uso da boa-imprensa, como Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Jonathas Serrano Murillo Mendes. Princípios também respaldados em cartas pastorais do prelado brasileiro. No âmbito da imprensa, o Arthur de Vasconcellos corroborou para instituir uma cultura política na qual os católicos deveriam fomentar a criação de pautas religiosas nos programas dos diferentes partidos, excetos os socialistas. Na publicação de livros, a atuação do intelectual galgou outros contornos, como a defesa da mítica católica, com a defesa da natureza miraculosa da estigmatizada de Campinas.

Assim, os seus escritos anunciavam uma leitura comum de passado e projetava um futuro inspirado nas experiências pretéritas. Para Arthur de Vasconcellos, a civilização católica brasileira seria tecida pela marcha em direção ao futuro em olhar retrospectivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Claudio Aguiar. **Em plena guerra**: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX. Revista de História (São Paulo), n. 174, p. 327-359, jan.- jun., 2016.

AZZI, Riolando. **A Neocristandade***:* um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-364.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo:** imprensa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, Antonio Carlos Duarte de. **Curandeirismo e medicina: práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940**. São Paulo, 220f. Tese (Doutorado em História da Medicina). USP

CALAÇA, Carlos Eduardo. Capítulos da história social da medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, p. 557-566, 2005.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Médicos e" charlatões": conflitos e convivências em torno do poder de cur 'no Recife dos anos 1920. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 5, n. 10, 2004.

D'ALMEIDA, Alberto Pereira. Arthur Vasconcellos Veiga de Faria. **Álbum dos vencidos**. N. 3. Lisboa: Alberto Pereira de Almeida, 1913, p. 73-76.

DIÁRIO NACIONAL. Publicações. **Diário Nacional**. N. 614, São Paulo, 3 de julho de 1929, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22arthur%20de%20vasconcellos%22&pagfis=6704 . Acesso: 15 abr. de 2024.

DIÁRIO NACIONAL. O dr. Arthur de Vasconcellos. In: **Diário Nacional**. N. 276, São Paulo, 1 de junho de 1928, p. 5. Disponível em: Acesso em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&pesq=%22arthur%20de%20vasconcellos%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2460 Acesso 30 abr. de 2024.

DIÁRIO NACIONAL. Na Sociedade de Medicina e Cirurgia. **Diário Nacional**. N. 414, São Paulo, 8 de outubro de 1928, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22arthur%20de%20vasconcellos%22&pagfis=4169 . Acesso: 18 abr. de 2024.

DIÁRIO NACIONAL. O exercício ilegal da medicina. In: **Diário Nacional**. N. 868, São Paulo, 30 de abril de 1930, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22arthur%20de%20vasconcellos%22&pagfis=9855 . Acesso 10 abr. de 2024.

DIÁRIO NACIONAL. Duas kermesses que terminaram. **Diário Nacional.** N. 572, São Paulo, 15 de junho de 1929, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22arthur%20de%20vasconcellos%22&pagfis=6156 . Acesso 20 abr. de 2024

GRANADA, Graziele Guimarães. **O vegetarianismo nos serviços alimentares das instituições públicas: fundamentos históricos, características e consequencias: um estudo do impacto da Lei 11/2017**. Coimbra, 319f. Tese (Doutorado em Patrimônios Alimentares: Culturas e Identidades). Universidade de Coimbra, 2019.

JORNAL DO COMMERCIO. Academia Brasileira. In: **Jornal do Commercio**. N. 287, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1929, p. 9. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22vasconcellos%20veiga%22&pagfis=39289 . Acesso: 29 abr. de. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. Associação Brasileira de Impensa. In: **Jornal do Commercio**. N. 280, Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1929, p. 3. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22vasconcellos%20veiga%22&pagfis=39089 . Acesso: 29 abr. de 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. Associação Brasileira de Imprensa. In: **Jornal do Commercio**. N. 149, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1928, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&Pesq=%22vasconcellos%20veiga%22&pagfis=27590 . Acesso: 29 abr. de 2024.

MARIN, Jérri Roberto. Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. **Religião e Sociedade**, v. 38 (3): p. 197-217, 2018.

MARIN, Jérri Roberto. O Desenvolvimento da Imprensa Católica No Brasil. In: FONSECA, André Dioney; MARIN, Jérri Roberto (Orgs). **História, Imprensa e Religião**. Editora Appris, 2021.

KLAUCK, Samuel. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX. **Mneme - Revista de Humanidades,** v. 12, n. 29, 2011.

MIGUEL, Bruna Aparecida da Silva. **Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital:** à luz das publicações da revista A Ordem. Campinas, 123f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2016.

O LAR CATHOLICO. Recebemos e agradecemos. In: **O Lar Catholico:** revista social, religiosa, dedicada as familias. N. 1, Belo Horizonte, 6 de janeiro de 1929, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843822&pesq=%22arthur%20vasconcellos%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1664 . Acesso 19 abr de 2024.

PAULA, Andressa. **A revista A Cruzada e a "boa imprensa" católica no Paraná (1926- 1931).** 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, 2018, Maringá, PR. 2018.

PARGA, Francisca Rafaela. **Contra a semente da desordem**: Imprensa Católica e Fascismo – Fortaleza - CE (1922-1930). 2012.

RELATÓRIOS DO MINISTÉRIOS DA JUSTIÇA. Relação dos estrangeiros naturalizados brasileiros, durante o anno de 1919, cujos títulos estão registrados na Secretaria de Estado da Justiça e Negócios Interiores. **Relatórios do**

Ministério da Justiça. N. 1, Rio de Janeiro, 1920, p. 5.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª. ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 13-36.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "A crédula ingenuidade de nosso povo sinceramente católico": Everardo Backheuser, cultura política educacional católica e unidade do território nacional (1933-1944). **História:** debates e tendências. V. 23, N. 1, Passo Fundo, 2023, p. 34-50. Disponível em < https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/13867 >. Acesso: 27 mai. de 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **O Prefácio dos tempos**: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em São Cristóvão. Aracaju: Criação: 2024. Disponível em: > Acesso: 20 mai. 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Assim se faz história, assim deve ser ensinada: Manoel Bonfim e a instrução histórica no ensino primário (1899-1930). **Anos 90.** V. 28, 2021, p. 1-21. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/103025/63411 > Acesso: 20 mai. 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "Sobre os jardins florescentes da pátria": os franciscanos da Saxônia e a Reforma Devocional da Província Santo Antônio do Brasil (1940-1945). In: PEIXOTO, Renato Amado; ZANOTTO, Gizele. **Direitas e religião no Brasil (1920-1940)**. Passo Fundo/RS: Acervus, 2023, p. 149-176.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria": Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). **IHS**. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica. Vol. 7, n. 2, Buenos Aires, 2019, p. 42-62. Disponível em: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/article/view/27670 . Acesso: 30 mar. de 2024

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª. ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 231-270.

SERRANO, Pedro. Neocristandade e crítica literária católica no Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1950. **Religião & Sociedade.** Vol. 44, n. 2, 2024, p. 1-25.

SOARES, Edvaldo. **Pensamento católico brasileiro**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

VASCONCELLOS, Arthur de. **Os vegetais:** génese e milagres. Lisboa: A Azevedo, 1918.

VASCONCELLOS, Arthur de. Vida Catholica. In: **Diário Nacional**. N. 2, São

Paulo, 15 de julho de 1927, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22Vida%20catholica%22&pagfis=12 . Acesso: 20 abr. de 2024.

VASCONCELLOS, Arthur de. Vida Catholica. In: **Diário Nacional**. N. 3, São Paulo, 16 de julho de 1927, p. 5. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22Vida%20catholica%22&pagfis=21 . Acesso: 20 abr. de 2024.

VASCONCELLOS, Arthur de. Vida Catholica. In: **Diário Nacional.** N. 4, São Paulo, 17 de julho de 1927, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22Vida%20catholica%22&pagfis=28 . Acesso: 20 abr. de 2024.

VASCONCELLOS, Arthur de. Vida Catholica. In: **Diário Nacional**. N. 6, São Paulo, 20 de julho de 1927, p. 4. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22Vida%20catholica%22&pagfis=44 . Acesso: 20 abr. de 2024.

VASCONCELLOS, Arthur de. Vida Catholica. In: **Diário Nacional.** N. 249, São Paulo, 1º de maio de 1928, p. 8. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&Pesq=%22Vida%20catholica%22&pagfis=2178. Acesso: 20 abr. de 2024.

Recebido em 23/08/2024.

Aprovado para publicação em 18/12/2024.